

ARTIGO

O fim do industrialismo

Luis César Bueno

"A ideia é o grande capital do fim do século. Bill Gates surpreendeu os capitalistas tradicionais e, da noite para o dia, se tornou o homem mais rico do mundo".

Vivemos dentro de uma história que se supera continuamente... O progresso científico e técnico das sociedades atuais, sobretudo as mais avançadas, está em contínua superação.

O marxismo, ciência política que influenciou expressivas gerações de intelectuais do século 20, introduziu o conceito de análise baseado no materialismo histórico e dialético. As sociedades são caracterizadas pelos aspectos sociais, políticos e econômicos. Enquanto concepção de análise científica este método continua sendo o elemento que os historiadores, economistas e cientistas políticos possuem para constantemente atualizar o estudo da conjuntura mundial.

Entretanto, estamos vivendo nestes últimos anos do século 20 um processo muito rápido de transformação das relações de trabalho, de produção da vida familiar e cultural.

Alguns experts falam em Idade Espacial, Idade de Informações, Era Eletrônica ou de uma Aldeia Global. Zigmund Brzezinski acredita que estamos passando pela Idade Tecnológica. O sociólogo Daniel Bell descreve uma sociedade Pós-industrial. Os futuristas russos falam da R. T. C., a Revolução Tecnológica Científica.

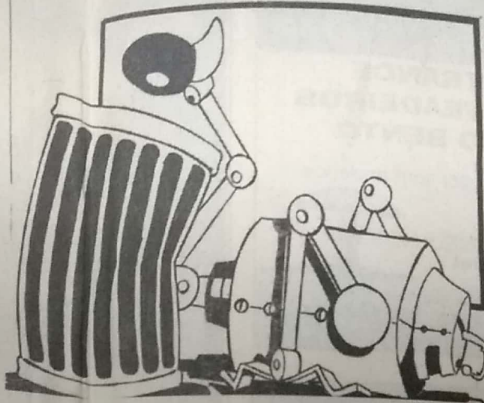
Aparentemente, são meros

rótulos. Na verdade, os cientistas sociais estão procurando capturar o que está acontecendo nos poros do novo poder da sociedade tecnológica. É difícil compreender por que, como diria Eric Hobsbawm, os tempos estão se assentando de modo que permita, sínteses como, digamos assim, o capital. É tempo, parece-nos, de estudos mais específicos, que não percam, porém, a ideia de globalidade, de estrutura.

Mas voltemos à questão das diferenciações dos ciclos de desenvolvimento da humanidade. A revolução agrícola, primeira, é simbolizada pela terra e pela enxada. A segunda revolução, a industrial, foi caracterizada, naturalmente, pelo industrialismo e pela linha de montagem. A terceira é a revolução científico-tecnológica. O símbolo-mãe deste período é o computador.

Ideia e poder — Quando tudo parecia assentado, com a cristalização do capitalismo como modo de produção dominante, sobretudo devido ao enfraquecimento do socialismo, na década de 80, uma nova civilização começou a emergir nos poros da velha, como diria Marx, a civilização do conhecimento.

Este novo ciclo da história poderá até mesmo desencadear futuramente um novo modo de produção, principalmente se levarmos em consideração a instituição, na sociedade, do individualismo em detrimento da esperança de organizações coletivas. O coletivo está sendo demolido na sociedade, do podemos dizer, "recolhimento". A



queda do Muro de Berlim, símbolo máximo do fim do socialismo real no Leste europeu, é a expressão dessa nova decadência. Mas é a única. Os próprios capitalistas estão assustados com os novos tempos em que ter capital não é tudo. Um capitalista como Bill Gates, da Microsoft, surge, da noite para o dia, e, com base no conhecimento, torna-se a maior fortuna do mundo. Marx, que morreu em 1883, não poderia prever isso: o capital perdendo espaço para a ideia. A ideia é o grande capital do fim do século.

O próprio processo de globalização da economia demonstra claramente isso. Os produtos agropecuários importados do Mercosul chegam ao mercado com preços inferiores aos produzidos em Goiás, que faz poucos investimentos em tecnologia. O empresário goiano, rural e urbano, não percebeu a extensão da globalização. Até numa banca de revista ou de camelôs se compra brinquedos

chineses de qualidade apenas razoável, mas com preços satisfatórios. Nas Lojas Americanas, o goiano pode comprar canetas fabricadas na Tailândia.

Na proporção em que o processo de informatização evidenciado sobretudo pela robótica avança sobre as linhas de montagem das fábricas, ainda caracterizadas pelo industrialismo, o que teremos é um contingente muito menor de empregados e infinitamente uma produção extremamente superior em qualidade e com preços cada vez menores. Países de base agrícola agitam-se para construir siderúrgicas, fábricas de automóveis. Este processo novo não pode ser constituído dentro do estilo clássico do industrialismo sob pena de transformar-se dentro de alguns anos em um amontoado de sucata. (Por isso mesmo é preciso examinar com mais cautela as informações de que empresa tal vai se instalar em Goiás e gerar milhares de empregos).

A fábrica que conhecemos

está se tornando coisa do passado. Ela ainda é dominada por padronização, centralização e burocratização. Na sociedade revolucionária do século 21, a produção será baseada em novos princípios pós-fábrica.

Qualidade de vida — O processo de terceirização da produção e dos serviços para pequenas empresas — e até mesmo para os indivíduos que detenham conhecimento e capacitação profissional — será a linha básica da estrutura de produção do futuro.

Precisamos intensificar as lutas democráticas para garantir um Estado público e não estatal. Este novo Estado será o elemento de manutenção e garantia das transformações políticas, econômicas e sociais. Consequentemente gerando verdadeira cidadania, tendo o trabalho, o conhecimento e o lazer como fontes principais de identidade com o mundo novo.

Conflito novo — Sem perceber essas conexões é impossível entender as manchetes que nos cercam diariamente. O conflito político e social hoje não é mais entre rico e pobre, entre grupos étnicos, ou mesmo, entre as concepções de capitalismo. A luta decisiva de nosso tempo é entre os que pretendem preservar a sociedade industrial e os que estão preparados para ultrapassá-la. Esse será o superdesafio de amanhã. Em seu próprio lar, por intermédio do computador, o cidadão trabalhador estará ligado a toda uma estrutura de produção relacionada ao seu trabalho. Pode ser professor, biólogo, médico, engenheiro, industrial, economista ou operário. A Internet é um prenúncio

do que está por vir.

Entretanto, alguns setores (em sua quase totalidade) não perceberam que estamos vivendo um período de transição revolucionária. Os parlamentares e os partidos continuam presos ao clientelismo e às concepções arcaicas do moribundo industrialismo.

Lamentavelmente, nossas universidades, que deveriam ser as propulsoras de toda essa discussão, têm cursos com currículos voltados para o industrialismo da velha ordem. Grande parte da origem de sua crise não estaria no fato de que ela resiste à nova ordem.

Independente das condições de trabalho e dos recursos, as universidades deveriam ser os laboratórios nos quais as ideias e os debates com a sociedade pudessem se realizar, de forma efervescente, como nas décadas de 60 e 70 — quando se lutou pela anistia e pela democratização do País.

Mas a universidade prefere o discurso antigo. Alienação maior ocorre, paradoxalmente, nas ciências humanas. A disciplina de estudos sociais pretende condensar o conhecimento da filosofia, da história, da geografia e da sociologia — deixando escapar o que está acontecendo de fato bem pertinho de todos. Estamos sendo atropelados pela terceira onda. Estudá-la, mais tarde, será uma pena. É melhor entendê-la agora. Para que não se trave combates inúteis — fadados à derrota.

LUIS CÉSAR BUENO É VEREADOR, PROFESSOR, HISTORIADOR E LÍDER DA BANCADA DO PT EM GOIÂNIA